

In: Frank Usarski (org.), O Budismo no Brasil. São Paulo, Editora Lorosae, 2002, p. 253-86.

A Associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros

*Ronan Alves Pereira**

1 Introdução

No Brasil, quando se fala em Budismo, é freqüente as pessoas associarem-no com o Zen, com o Budismo tradicional japonês, particularmente, o da Terra Pura (Jôdo-shû ou Jôdo-Shinshû), ou com o Budismo Tibetano, sobretudo a partir do destaque na mídia dispensado ao líder político-religioso Dalai Lama, ao lama paulista Michel e aos filmes de grandes estúdios de Hollywood simpáticos à causa tibetana. Aos poucos, o nome Sôka Gakkai, literalmente “Sociedade para a Criação de Valores”, também está se tornando familiar a muitas pessoas. Este artigo procura mostrar que a Sôka Gakkai constitui para os brasileiros um novo tipo de Budismo: não possuindo monges, nem templos, nem estátuas, ele é totalmente leigo, pragmático e particularmente atuante na sociedade, através de sua estrutura institucional altamente articulada.

Embora a Gakkai venha ganhando maior visibilidade e legitimidade em seu trabalho, orientada pelo trinômio paz-cultura-educação, ela ainda encontra bastante resistência nos meios budistas. Tal resistência explica-se sobretudo pela falta de informação e compre-

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador-visitante do Centro de Estudos Japoneses da Universidade da Califórnia em Berkeley.

ensão mútua, prevalecendo ainda a imagem do período de proselitismo agressivo da “grande marcha de *shakubuku*”, deslanchada pelo segundo presidente da Gakkai, Jôsei Toda. Veremos que, a partir dos anos 70, no entanto, esta organização mudou esse perfil combativo no decorrer de seu processo de institucionalização e internacionalização.

O que mais a distingue e distancia dos demais Budismos, no entanto, é a sua rotina de atividades e orientação doutrinária. Por exemplo, ao secundarizar a figura do Buda histórico Shakyamuni, ela venera o monge japonês do século XIII, Nichiren, como o “Buda Original”. Este Buda teria vindo ao mundo num período de decadência e desespero, com o propósito de ensinar um modo simples e eficaz de salvação e revelar que, através da fé no *gohonzon* (*mandala* por ele inscrita, centrada no título do Sutra de Lótus), poder-se-ia atingir o estado de Buda ainda nesta vida.

Este artigo parte da história e dos ensinamentos básicos da Sôka Gakkai, para mostrar as feições principais do grupo que se tornou o maior entre os novos movimentos religiosos do Japão e que tem uma crescente aceitação no Brasil.

2 Do Japão para o mundo

A organização neo-budista Sôka Gakkai foi fundada por Tsunesaburô Makiguchi (1871-1944) na década de 30. Este educador, por muito tempo diretor de uma escola primária em Tóquio, desenvolveu uma teoria pragmática da educação ou do valor, centrada na tríade beleza (*bi*), bondade (*zen*) e proveito (*ri*). Para ele, falando de modo sucinto, a verdade é absoluta e objetiva, e precisa ser descoberta; por outro lado, os valores são subjetivos e relativos, necessitando serem criados, desenvolvidos por meio de um estudo aprofundado.

As idéias filosófico-educacionais de Makiguchi, no entanto, tomaram um novo teor quando ele se tornou adepto fervoroso da Nichiren Shôshû (“Seita Ortodoxa do Budismo Nichiren”). Esta seita é uma ramificação do Budismo Nichiren (Mahayāna) que prega, entre outras coisas, que o monge Nichiren (1222-1282) é o “Buda Original dessa época e para a eternidade”; que o Sutra de Lótus é a suprema e única escritura válida para essa época de decadência do

ensinamento budista (*mappô*); que o único meio de garantir a salvação na época atual e o modo eficaz de obter-se todo tipo de benefícios, tanto espirituais quanto materiais, é através da recitação sagrada *Nam-myôhō-enge-kyô* (“Reverência à Gloriosa Lei Mística do Lótus”); e que as demais escolas budistas são “heréticas” por difundirem um ensino incompleto, não centrado no Sutra de Lótus e, portanto, não apropriado para o momento em que vivemos.

Makiguchi, depois que aderiu à Nichiren Shôshû, em 1928, passou a identificar a verdade absoluta com Nichiren e o Sutra de Lótus, e os valores a serem criados com os frutos de uma vida feliz baseada nesta fé absoluta¹. Em 1930, Makiguchi fundou, com a ajuda de Jôsei Toda (1900-58), a Sôka Kyôiku Gakkai ou “Sociedade Educacional para a Criação de Valores”. Esta sociedade atuava como um grupo de estudo voltado principalmente para professores de escola primária, visando reformar o sistema de ensino japonês, com a proposta de transformar a “criação de valores” no objetivo principal da educação. A Sociedade, formalizada somente em 1937, quase foi inviabilizada pela repressão governamental durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, Makiguchi e Toda foram aprisionados por se oporem à unificação da Nichiren Shôshû com as demais ramificações do Budismo Nichiren e recusarem-se a participar de práticas xintoístas (lembremo-nos de que o Xintoísmo era a religião oficial do Japão daquela época). Makiguchi faleceu na prisão e Toda, ao ser libertado, reorganizou o grupo sob o nome Sôka Gakkai (“Sociedade para a Criação de Valores”), numa demonstração de que, dali em diante, priorizar-se-ia seu aspecto religioso. Este grupo, que atuou como organização leiga da Nichiren Shôshû até o rompimento com esta em 28 de novembro de 1991, teve um crescimento admirável no Japão por meio de uma prática proselitista assaz contundente (*shakubuku*).²

¹ Cf. Earhart 1982: 177.

² *Shakubuku* significa literalmente “quebrar e subjugar”, isto é, destruir a fé incorreta do adepto potencial e convertê-lo ao verdadeiro ensinamento (no caso, o do Sutra de Lótus). Este método de conversão não é invenção nem monopólio da Sôka Gakkai ou das seitas Nichiren, constituindo apenas um dos dois métodos tradicionais de proselitismo budista. O outro, *shoju*, mais moderado, significa conversão gradual (Murata 1971: 102). No Brasil, o termo tanto se refere ao método e à prática de conversão quanto serve para o membro designar a pessoa a quem converteu. Assim, é comum se ouvir alguém dizer, “fulano é meu *shakubuku*”, indicando que converteu tal pessoa.

Com o terceiro presidente, Daisaku Ikeda, nascido em 1928, a Gakkai procurou mudar sua imagem através de uma agenda centrada no trinômio cultura-paz-educação e da persuasão mais moderada dos membros potenciais. O projeto de unificação da política com o Budismo Nichiren (*ôbutsu-myôgô*), iniciado por Toda, culminou com o estabelecimento, em 1964, do partido político Kômêitô, em português aproximadamente “Partido do Governo Claro/Puro”, de orientação centrista.³ Ikeda também é responsável por haver transformado a Gakkai em uma organização internacional, com grande penetração na Ásia, nas Américas e na Europa. No espírito desta estratégia de expansão além-mar foi criada, em 1975, a Soka Gakkai International (SGI), posteriormente reconhecida pela ONU como uma organização não-governamental em prol da paz e do desarmamento. O afã conversionista dos primeiros tempos direciona-se agora para a causa da paz internacional, da ecologia, da educação, da promoção de festivais de música e dança. Em 1979, Ikeda renunciou à presidência da Gakkai japonesa em favor de Hiroshi Hôjô (1923-1981), embora permanecesse como seu presidente honorário, para dedicar-se integralmente à SGI. Com a morte súbita de Hôjô, o Vice-Presidente Einosuke Akiya, nascido em 1930, assumiu o posto de 5º Presidente da organização, sendo reeleito para o cargo em 1986.

Mesmo sob a direção de Hôjô e Akiya, a maior liderança da organização japonesa continua a ser, indiscutivelmente, Daisaku Ikeda. Desde o primeiro contato com o material de divulgação da Gakkai, pode-se detectar uma espécie de “culto à personalidade” de Ikeda, a quem os membros costumam referir-se como *sensei* (mestre) ou

³ No final de 1969, os líderes da Sôka Gakkai e do Kômêitô foram bastante criticados sob a acusação de tentarem impedir a publicação de materiais que apresentavam denúncias contra a Sôka Gakkai. Em maio do ano seguinte, Ikeda anunciou a separação formal entre as duas instituições, resultando na retirada de termos religiosos do programa do partido e na remoção dos cargos mantidos por políticos dentro da Gakkai. Não obstante a ocorrência desse fato, o Kômêitô se tornou em pouco tempo o segundo maior partido de oposição do país e, posteriormente, fez parte da coalização do governo Hosokawa, em 1993. Depois do fracasso sucessivo dos gabinetes de Hosokawa e de Tsutomu Hata, e encorajados pelo novo sistema eleitoral, os membros do Kômêitô dissolveram o partido em 1994, para se juntarem a outro recém-fundado partido de oposição, Shinshintô (“Partido da Nova Fronteira”). Em 1998, diante do malogro do Shinshintô, formou-se o Shin-Kômêitô (“Novo Kômêitô”), que entrou para a base de sustentação do governo do Primeiro-Ministro Keizô Obuchi, em 1999.

“nosso presidente”. Nos últimos anos, a Gakkai procura associar a sua pessoa a um grande líder espiritual da humanidade, comparável a Ghandi e a Martin Luther King. Com o propósito de firmar o nome da SGI como uma organização budista dedicada à paz e a união entre os povos, Ikeda vem-se encontrando com renomados acadêmicos e líderes políticos, como Arnold Toynbee, Bryan Wilson, Zhou Enlai, Mikhail Gorbachev, Nelson Mandela e outros. Seus encontros com personalidades de projeção nacional e internacional, se não produzem tantos resultados concretos, servem ao menos para sustentar nos membros a sensação de que a SGI é relevante e influente nos assuntos internacionais, além de realimentar a admiração interna a Ikeda e a relação mestre-discípulo entre ele e os membros. Ikeda também enfatiza que esses encontros “provam” a relevância e a “legitimidade e retidão” da SGI: “Num fluxo constante, líderes de diversos campos e de todas as partes do mundo vão até a Sede da Soka Gakkai em busca de uma filosofia humanística e de paz. Não seria essa uma prova inquestionável de nossa legitimidade e retidão?”⁴

A cada cinco anos a SGI anuncia publicamente suas estatísticas. Na última, de novembro de 1995, ela reunia mais de dez milhões de adeptos no Japão e 1,36 milhões de membros espalhados por todos os continentes (779 mil na Ásia e Oceania, 555 mil nas Américas, 19 mil na Europa e 7000 na África e Oriente Médio). Mais precisamente, a SGI seria constituída por 76 organizações, com penetração em 128 países e territórios, o que a torna o maior entre os novos movimentos religiosos japoneses.⁵

3 Ensinaamentos e escrituras

Os três primeiros presidentes da Sôka Gakkai produziram, cada um, escritos importantes para o movimento. No entanto, a organização segue basicamente a mesma linha doutrinária da Nichiren Shôshû, que por sua vez se fundamenta no Sutra de Lótus, nos escritos de

⁴ Ikeda apud Terceira Civilização, no. 379, p. 30.

⁵ Esses dados foram obtidos na página da internet <http://www.sokagakkai.or.jp>. Atualmente, no entanto, cogita-se que a SGI esteja presente em 163 países e regiões (Terceira Civilização, no. 385, p. 13).

Nichiren, de Nikkô e de Nikkan. A escritura canônica e sagrada do Budismo Nichiren, como um todo, é o Sutra de Lótus, em japonês, *Myôhō Rengekyô* ou, de forma abreviada, *Hokkekyô*. O conteúdo deste *sūtra* é considerado, em certas escolas do Budismo Mahayāna, a essência do ensinamento do Buda Shakyamuni. Ele glorifica as proezas e os poderes sobrenaturais do Buda, que é apresentado como um ser imortal, idealizado, uma manifestação do absoluto. O *sūtra* ensina também que todo ser pode se tornar um Buda, ou seja, pode despertar-se para sua natureza verdadeira, eterna e imutável.

A segunda obra canônica do Nichirenismo são os escritos do próprio Nichiren (Goshō Zenshū). Nichiren (1222-1282) é uma pessoa singular na história religiosa de seu país, tanto por ter fundado a escola budista que leva seu nome e por ter sido um dos maiores propagadores da devoção ao Sūtra de Lótus no Japão, quanto por suas características de pregador obstinado e contundente de uma devoção religiosa exclusivista.

De acordo com a ortodoxia seguida pela Sōka Gakkai, durante os dois exílios a que foi submetido, Nichiren não somente teria sistematizado suas convicções, como também se identificado como a reencarnação do Bodhisattva Jōgyō (Vishishtachārita), líder dos *bodhisattvas* mencionados no Sūtra de Lótus, destinado a reaparecer no mundo para pregar este *sūtra*, sofrer perseguições e ser exilado. Como Jōgyō é tido por esta corrente como uma manifestação do Buda Eterno, por sua vez, distinto do Buda Eterno Kuonjitsujo no Shaka Nyorai, venerado pelas outras seitas budistas japonesas, Nichiren seria uma reencarnação do Buda “Supra-eterno” ou do “passado infinito”, Kuonganjo no Jijuyushin ou Gohyakujintengo no Jijuyushin Nyorai. Nesta interpretação *sui generis* e sem paralelo na tradição budista, o Buda Shakyamuni, chamado aqui de “provisório”, teria sido apenas discípulo e precursor de Nichiren, como João Batista o fora para Jesus Cristo⁶.

Tendo recebido o nome de nascimento Zennichi-maru e o nome religioso Zeshōbō Renchō, Nichiren, literalmente “sol-lótus”, tomou para si este nome, posteriormente, com um propósito bem definido: nichī aluda tanto ao sol que emanaria os raios da verdadeira fé, quan-

⁶ Cf. Murata 1971: 63-67; Terceira Civilização n.º. 86, p. 26.

to ao próprio Japão, uma vez que Nihon ou Nippon significa “a origem do sol”, e *ren*, ideograma de “lótus”, indica o Sutra de Lótus. Ele referia-se a si próprio como “uma pessoa da classe mais baixa e indigente” cujo destino era o de tornar-se o guia e salvador do Japão e do Budismo.

Sua vida transcorreu num dos períodos mais caóticos de seu país: a época das Regências Hōjō (1219-1333) do Período Kamakura (1185-1333). Após um longo predomínio da nobreza da corte de Heian, posteriormente Quioto, o país passou por sucessivos momentos de violência, desunião e grandes calamidades, que Nichiren veio a interpretar como resultado punitivo pela prática religiosa herética dos japoneses, ou seja, pela não veneração exclusiva do Sūtra de Lótus. Tal período produziu também uma série de movimentos reformistas do Budismo, com características mais ou menos exclusivistas, em que muitos pregavam uma prática religiosa unilateral.

Hōnen (1133-1212), organizador da tradição do Budismo da Terra Pura no Japão, ensinava a prática simples e única da recitação do nome do Buda Amida (*senju nenbutsu*), como sinal de fé absoluta em seu poder salvador. A Escola Sōtōzen, secundarizando as escrituras e o estudo intelectual, colocava ênfase na meditação (*zazen*) como instrumento para o despertar da natureza búdica em cada praticante, enquanto a Rinzaizen priorizava a prática dos *kōan*, espécie de “charada” a ser resolvida por meio da meditação e intuição, almejando mostrar ao praticante os limites do intelecto, com o mesmo propósito. Nichiren, por sua vez, pregava a fé absoluta e exclusiva nos ensinamentos do Sutra de Lótus e a prática da recitação de seu título, *Namu-myōhō-renge-kyō*, como único caminho possível para a salvação.

Em 1253, após longos anos de estudo, reflexão e busca da essência do Budismo pelos principais centros religiosos do país, Nichiren retornou a seu templo de origem, com a convicção de que todos os outros ramos budistas eram falsos e corruptos, e que o verdadeiro ensinamento budista estava contido no Sutra de Lótus e em seu desenvolvimento apologético feito pelo introdutor da escola Tendai no Japão, Saichō (767-822).

Segundo Ingram⁷, Nichiren almejando restaurar e reformar a sei-

⁷ Cf. Ingram 1977: 233-34.

ta Tendai, apropriou-se da doutrina Tendai conhecida por *ichinen sanzen*⁸, como “justificativa metafísica de tudo o que ele ensinou [...] “De fato, ele aceitava por completo a concepção Tendai de *ichinen sanzen* ou a doutrina segundo a qual os ‘três mil (*sanzen*) mundos da existência’ estão contidos em ‘um pensamento momentâneo’ (*ichinen*). Mais precisamente, foi a interpretação de Saichô para esta doutrina que proporcionou o sustentáculo metafísico para a interpretação específica que Nichiren fez do Sutra de Lótus. Assim, cada um dos ‘dez mundos dos seres vivos’ (*jikkai*)⁹ incluem os outros nove em si, perfazendo um total de cem mundos dos seres vivos. Cada um desses cem mundos possuem ‘dez fatores’ (*jûnyoze*)¹⁰, aumentando assim o total dos mundos da existência para mil. Por sua vez, cada um desses mundos está envolvido nas três condições da vida na existência fenomenal (*samsāra*): o mundo dos seres sensíveis, o dos seres não sensíveis e os cinco *skandha* (“grupos”), totalizando três mil mundos da existência. O principal destaque dessa doutrina é que todas as coisas existem num estado de interdependência monística, de maneira que ‘um pensamento momentâneo’ por parte de um ser sensível, não importando qual seja a qualidade deste pensamento momentâneo, envolve toda a estrutura da existência.”¹¹

Para seus seguidores, Nichiren fundou, no dia 28 de abril de 1253, um novo tipo de Budismo ao proferir a frase *Namu-myôhōrenge-kyô* (Devoção ao Sutra de Lótus), como sendo a quintessência da verdade absoluta do Budismo e da prática devocional dos seguidores do Sutra de Lótus. Assim, o cerne de sua nova religião foi reduzido a um método simples: a recitação do “Sagrado Título” da escritura, visto que *namu* é o correspondente japonês do sânscrito *namas* (veneração) e *Myôhōrenge-kyô* é a denominação sino-japo-

⁸ *Ichinen sanzen*, literalmente, “um pensamento, três mil”, significa que a mente humana incorpora a todo instante o universo em seus três mil aspectos.

⁹ Esses “dez mundos” são inferno, mundos de pretas ou espíritos famintos (ou fome), dos animais (animalidade), dos asuras ou demônios (ira), dos seres humanos (tranquilidade), dos seres celestiais (alegria), dos *arhats* (erudição), dos *pratyeka-buddhas* (absorção), dos *bodhisattvas* e dos Budas.

¹⁰ Os “dez fatores” são forma, natureza, substância, poder, atividade, causas primárias, causas ambientais, efeitos, recompensas e retribuições, bem como a totalidade dos fatores anteriores.

¹¹ Ingram 1977: 233-34.

nesa para o Sūtra de Lótus (Saddharma Pundarika ou Sad-Dharma-pundarīka-Sūtra).

Para Nichiren, esta não seria apenas uma recitação oral, e sim, uma verdadeira materialização da verdade revelada naquela escritura; o título, *Myôhōrenge-kyô*, seria representante de toda a revelação, e esta revelação deveria ser percebida com o espírito e concretizada na vida de todo aquele que adora Buda e seus ensinamentos. A prática da recitação do título do *sūtra* também seria o método mais adequado para atingir-se o estado de Buda e, na verdade, o único eficaz para o homem que vive nessa época de degeneração espiritual. Nichiren empregou “cinco princípios” (*goko*) para comparar as várias religiões e afirmar a superioridade da sua sobre as outras. São eles:

1) *kyô* (*sūtra*) – de acordo com o qual Nichiren seguia a escola Tendai no reconhecimento da superioridade do Sūtra de Lótus sobre todos os outros *sūtras* budistas, por conter o último e supremo ensino do Buda Shakyamuni;

2) *ki* – este *sūtra* não poderia ser ensinado enquanto as pessoas não estivessem preparadas para entendê-lo e recebê-lo;

3) *ji* – o tempo correto de pregação seria a época de *mappô*;

4) *koku* – o ensino e a prática do verdadeiro Budismo do Lótus deveria ser propagado no (ou a partir do) país correto (Japão);

5) *kyôhō rufu no sengo* – para divulgar-se o Budismo em determinado país, há que se avaliar primeiramente a sua situação religiosa; assim, num país onde se desconhece o Budismo, a tradição “provisória” Hinayāna poderia ser a mais apropriada; no caso japonês, havia chegado a hora da propagação do supremo ensino do Lótus.

Ele ainda oferecia “três provas” (*sanshō*)¹² para demonstrar que seu ensino preenchia os requisitos dos “cinco princípios”:

1) *monshō* (prova da língua escrita) – uma doutrina é verdadeira se estiver apoiada na literatura dos *sūtras* e registros históricos;

2) *rishō* (prova pela lógica) – nos Últimos Dias da Lei (*mappô*), a verdadeira religião tem que estar assentada em uma análise lógica e empírica da condição humana, critério este que somente seria atendido pelo ensino do Lótus;

¹² No jargão da Sôka Gakkai, as três provas são chamadas de “documental, racional e real”.

3) *genshō* (prova da realidade) – a religião superior é avaliada pelos benefícios concretos que sua prática traz para os devotos¹³.

Os “cinco princípios” e as “três provas” serviram como base para Nichiren interpretar o *Sūtra* de Lótus e extrair dele as suas “Três Grandes Leis Secretas” (*sandai hihō*), que contituem o elemento mais importante e síntese de sua doutrina: *gohonzon* ou objeto sagrado de veneração em forma de *mandala*; *daimoku* ou título do *sūtra*; e *kaidan* ou plataforma de ordenação.

A primeira lei é a do *gohonzon*, isto é, as *mandalas* ou representações gráficas do universo organizado em termo dos Budas, que Nichiren produziu e concedeu a seus discípulos e seguidores. Suas *mandalas* seguiam o mesmo padrão, sem representações pictográficas ou símbolos. Num pergaminho retangular está escrito, de cima para baixo, o *daimoku* (que na BSGI lê-se *Nam-myoho-rengue-kyo*) e a assinatura de Nichiren; em ambos os lados estão escritos os representantes de cada condição de vida dos Dez Estados; no topo, à esquerda, está escrito o nome do Buda Shakyamuni e, à direita, o do Buda Taho, representando o estado de Buda. Os nomes dos Quatro Grandes Reis Celestiais, protetores das quatro direções, estão posicionados nos quatro cantos do *gohonzon*, e o espaço vazio é preenchido com nomes de *bodhisattvas* notáveis, mencionados no *Sutra* de Lótus.

Ingram reconhece no (*go*)*honzon* de Nichiren a mesma função das *mandalas* da tradição indo-tibetana e da meditação e disciplina ética de outras escolas budistas: “Ela representa graficamente o ‘poder sagrado’ de Shakyamuni como realidade absoluta, a ‘desintegração’ deste poder sagrado em manifestações específicas (os vários Budas históricos e *Bodhisattvas*) e a ‘reintegração’ do poder sagrado de volta a si, visto que todos os Budas e *Bodhisattvas* são manifestações parciais da realidade absoluta de Shakyamuni. Conseqüentemente, ao cantar o *daimoku* diante do *honzon*, o devoto internaliza este poder sagrado e é capaz assim de reintegrar, neste ‘centro’, as forças de fragmentação que são o resultado da vida na era de *mappō*. Por esta razão, recitar o *daimoku* enquanto ‘fixa a mente’ em meditação no *honzon*, acreditando no que o *honzon* simboliza - que

¹³ Cf. Murata 1971: 48-49; Ingram 1977: 214-215.

Shakyamuni, o *Sūtra* de Lótus e o devoto são unos - realiza para o devoto o que as escolas estabelecidas do Budismo tentam pelas práticas tradicionais de meditação e disciplina ética.”¹⁴

O *gohonzon* é objeto de grande contenda entre a Gakkai e a Nichiren Shōshū, uma vez que somente o templo Taisekiji, da Nichiren Shōshū, possui o *daigohonzon* (*dai*, “grande”), uma placa de cânfora inscrita por Nichiren em 1279 e tida como uma das principais fontes da alegada ortodoxia da seita. Ele é considerado “o único concedido como objeto de adoração para toda a humanidade”, e é também a fonte das réplicas de *gohonzon* recebidas pelos fiéis. Após a excomunhão da Gakkai, o prelado do Taisekiji recusou-se a fornecer o *gohonzon* para novos membros da SGI e denuncia a aquisição deste objeto sagrado por outras fontes como ato de blasfêmia e heresia.¹⁵

A segunda lei é a do *daimoku*, a prática da recitação dos cinco caracteres chineses do título do *Sutra* de Lótus (*myō, hō, ren, ge, kyō*), aos quais Nichiren adicionou *namu*, literalmente, “eu tomo refúgio em” ou “veneração / devoção a”. Estes cinco caracteres são em si uma materialização da verdade e do poder de todo o *Sūtra*. Aqui também Ingram percebe uma semelhança com outros *mantras*, “usados tanto como objetos de meditação quanto como defesas mágicas contra calamidades”, particularmente a popular recitação amidista do *nenbutsu* entre os japoneses: *Namu Amida Butsu* (“Eu me refugio no Buda Amida”).¹⁶ Como o próprio Nichiren ensinava, mesmo que a pessoa não leia, não estude, não entenda o *sūtra*, a simples recitação do *daimoku* pode despertar sua natureza búdica inata, depurar-lhe do mau *karma* e trazer-lhe sorte.

Daimoku e *gohonzon* são complementares entre si: “como o *daimoku* é a incorporação verbal de toda a verdade e poder salvador do *Sutra* de Lótus, o [*go*]honzon é a incorporação visual da mesma

¹⁴ Ingram 1977: 219.

¹⁵ O cisma Gakkai-Nichiren Shōshū resultou também no desligamento de vários templos em relação ao Taisekiji (“Templo da Grande Rocha”), sede da Nichiren Shōshū. Em 1993, Sendō Narita, reverendo-chefe de um desses templos “separatistas”, propôs à Gakkai que seus membros recebessem o *gohonzon* transcrito pelo 26º Sumo Prelado, Nichikan Shōnin (1665-1726), e consagrado em seu templo.

¹⁶ Cf. Ingram 1977: 216.

verdade e poder, visto que é a representação caligráfica do *daimoku* em forma de *mandala*, novamente uma extensão do princípio de *ichinen sanzen*".¹⁷ Enquanto o *daimoku* foi recitado pela primeira vez por Nichiren em 1253 e o *gohonzon* foi inscrito em 1279, a noção de *kaidan* como terceira lei apareceu em um texto de 1274, embora tenha sido amadurecida próximo à morte daquele. Tradicionalmente, *kaidan* (plataforma dos preceitos ou da ordenação) é o lugar oficial para receber-se os preceitos budistas no período da ordenação dos monges. O primeiro *kaidan* japonês foi estabelecido em 754, no Templo Tōdaiji de Nara, para garantir a continuidade da ortodoxia budista proveniente da China (e Coréia). Décadas depois, Saichō (767-822) estabeleceu outro *kaidan* no Monte Hiei, nas cercanias de Quioto, para a transmissão exclusiva dos preceitos Mahayāna-Tendai.

Embora não tivesse tido a oportunidade de realizar pessoalmente seu sonho de construir um *kaidan* no Monte Minobu, Nichiren preocupava-se com a independência, preservação e transmissão de seus ensinamentos depois que morresse. Entretanto, se o *kaidan* era pensado como algo fisicamente exterior para a ordenação, preservação dos ensinamentos, e também como centro mundial da reverência ao Sūtra de Lótus, Nichiren, às vezes, reconhecia-se como o legítimo *kaidan*, como também o concebia como todo lugar onde os devotos recebessem "em seu corpo" o verdadeiro ensinamento budista na forma do *daimoku* e do *gohonzon*. O *kaidan* foi um dos pontos mais polêmicos do pós-guerra, entre esta tradição budista e a sociedade japonesa e, posteriormente, entre a Nichiren Shōshū e a Sōka Gakkai, na medida em que a esta imprimia-lhe dois sentidos: *gi* no *kaidan* (um *kaidan* por extensão), significando o altar (*butsudan*) contendo uma réplica do *gohonzon*, onde o devoto recita o *daimoku*; e *ji* no *kaidan* (o *kaidan* de fato), um grande salão do culto mundial ao Sūtra de Lótus que deveria ser erigido após a propagação mundial do Budismo Nichiren (*kōsen rufu*), que coincidiria com uma profecia de Nichiren relativa à união do Budismo com o governo.

Não obstante a acusação de querer estabelecer uma teocracia budista no Japão, a Sōka Gakkai construiu, em 1972, o Shōhondō no templo Taisekiji, como uma realização da última tarefa deixada

¹⁷ Ibid.: 217-18.

por Nichiren a seus discípulos. Posteriormente, em meio à disputa entre a Nichiren Shōshū e a Sōka Gakkai, o clero ordenou que demolissem o Shōhondō numa tentativa de apagar do Taisekiji a memória da Gakkai.

4 A Sōka Gakkai no Brasil: dos imigrantes para os brasileiros

A história da Sōka Gakkai no Brasil pode ser dividida em cinco períodos distintos:

Período pioneiro (década de 1950): Não há registro sobre os pioneiros da organização no Brasil, de acordo com a sede da Sōka Gakkai no país. Portanto, mesmo que tenha havido algum imigrante japonês interessado por este movimento ou que tenha-se tornado membro no pré-guerra, é mais seguro dizer que a Sōka Gakkai possui adeptos no Brasil desde o final da década de 50, depois de ter-se reconstruído a partir do que sobreviveu à repressão do governo japonês durante a Segunda Guerra Mundial. Os primeiros adeptos em solo brasileiro, recebiam jornais e publicações diretamente do Japão e suas atividades religiosas eram praticamente limitadas ao círculo familiar e/ou ao de alguns poucos vizinhos. Quando Ikeda visitou o país em 1960, foi informado "de que em todo o Brasil existiam cerca de cem famílias e de que já haviam realizado algumas reuniões de palestra".¹⁸

Período da organização e da legalização (1960-1966): Em outubro de 1960, apenas cinco meses após ter assumido a presidência da organização, Ikeda fez uma viagem que marcou o início da propagação da Sōka Gakkai no exterior. A viagem, iniciada no dia dois de outubro, incluiu nove cidades de três países: Estados Unidos, Canadá e Brasil. Ikeda e sua comitiva chegaram ao Brasil na madrugada de 18 para 19 de outubro. Posteriormente, o dia 19 de outubro passou a ser comemorado como o "Dia da Fundação da BSGI". O grupo foi recepcionado no Aeroporto de São Paulo por entre vinte e

¹⁸ Ikeda 1994: 181.

trinta pessoas. No dia 20, às 13 horas, Ikeda conduziu uma “reunião de palestra” com aproximadamente 140 adeptos, num salão que ficava no segundo andar do restaurante Chá Flora, no bairro Liberdade, em São Paulo.

Esta reunião transformou-se na primeira “convenção” do Brasil, na qual foi anunciada a criação do primeiro “distrito” fora do Japão. O “Distrito Brasil” era composto inicialmente por três subdistritos, equivalentes às comunidades atuais no Estado de São Paulo: um na capital paulista, um em Campinas e outro em Arujá. Em janeiro de 1962, o Distrito Brasil já contava com oito subdistritos. Em 22 de dezembro do mesmo ano, Yasuhiro Saito chegou ao país com a incumbência de ocupar o cargo de responsável pela Divisão dos Rapazes da América do Sul. Saito tornou-se Diretor Geral da organização em 1966. Naturalizou-se brasileiro em 1974, adotando a partir daí o nome Roberto. A organização ampliou-se em agosto de 1963, com a criação de dois novos distritos: São Paulo Kita (Norte) e São Paulo Nishi (Oeste). No ano seguinte, ela passou a ter personalidade jurídica sob o nome Sociedade Religiosa Nichiren Shoshu do Brasil ou, de forma abreviada, NSB. Ainda em 1964 foi fundada a primeira sede comunitária da NSB, no bairro Vila Mariana, em São Paulo, onde também passou a funcionar a sede da América do Sul. Foram realizados também o primeiro exame de Budismo em português¹⁹ e o primeiro Festival Esportivo da América do Sul. No ano seguinte, foi lançado o boletim interno “Nova Era”, em português, precursor do jornal “*Brasil Seikyo*”. Nessa época, a NSB “já contava com 800 famílias e realiza a sua primeira peregrinação [ao templo Taisekiji] em grupo, formado por 23 pessoas, sendo que 17 dessas foram de navio”²⁰.

Período de expansão (1966-1991): Este período iniciou-se com a segunda visita de Ikeda ao Brasil, em março de 1966. No mesmo ano, Yasuhiro Saito foi indicado para o cargo de diretor

¹⁹ Idealmente, todos os membros da Sôka Gakkai preparam-se para exames anuais de história e doutrina do Budismo Nichiren. Atualmente, os “Exames de Budismo” da BSGI são realizados em vários graus: admissão, primeiro, segundo, médio, superior e professor.

²⁰ Terceira Civilização n° 326, p. 17.

geral da organização. Sob sua liderança, a Gakkai manteve a ênfase na relação de mestre-discípulo entre os membros e Ikeda e no proselitismo *shakubuku*, levando a uma grande difusão da NSB por todas as regiões do país. Ainda em 66, foi fundada a sede do Rio de Janeiro. Com o crescimento do número de convertidos, fez-se necessária a construção de um templo que contasse com a presença permanente de monges, principalmente para a realização das cerimônias de conversão (*gojukai*). Em 16 de fevereiro de 1968, foi inaugurado em São Paulo o Templo Kaisenzan Itijoji, cujo nome de registro era Sociedade Budista Nitiren Shoshu Templo Brasileiro (NSTB). Nesse mesmo ano, a organização lançou a revista mensal *Terceira Civilização* como instrumento complementar na transmissão da doutrina do Budismo Nichiren, das orientações do presidente Ikeda e das notícias nacionais e internacionais da organização.

Em 1970, Roberto Saito assumiu o cargo de diretor geral da América do Sul. A coordenação do movimento no continente, a partir do Brasil, durou poucos anos. Com o desenvolvimento das organizações em cada país, esse vínculo foi-se desfazendo naturalmente. Em março de 1974, a terceira visita de Ikeda foi frustrada em função de o governo militar não lhe ter dado autorização para viajar ao Brasil. Passados dezoito anos, ao celebrar seu jubileu de prata, a NSB recebeu a terceira visita de Ikeda. Na ocasião, ele preencheu sua agenda não somente com as celebrações internas da NSB, mas também com os cuidadosamente aranjados encontros políticos e sociais: com o então Presidente da República João Baptista de O. Figueiredo e seu ministro-chefe de Casa Civil, João Leitão de Abreu; com a presidente executiva da extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA), Lea Leal; com o reitor da Universidade de Brasília, José Carlos de A. Azevedo; com a ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz; e com o ministro das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro. Neste Período de Expansão, foram realizados diversos festivais, culturais e musicais, campeonatos esportivos, convenções, exposições e outros eventos.

A NSB também passou por uma série de modificações em sua estrutura, em conformidade com seu crescimento. Por exemplo, a criação dos Departamentos Educacional, Científico, Social e Artísti-

co, a criação dos cargos de presidente e vice-presidente da NSB, a reorganização que criou áreas, comunidades e outras instâncias do grupo, etc. Em 1987, o Departamento Educacional da NSB deu início ao projeto de alfabetização de adultos. No ano seguinte, a NSB participou das comemorações dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, no Estádio Pacaembu, em São Paulo, com a apresentação do “painel humano”. Em 1990, esperava-se a quarta visita de Ikeda para a comemoração dos trinta anos da NSB, ocasião em que esta sediava o 10º Festival dos Jovens para a Paz Mundial. Porém, a presença do presidente da SGI foi substituída pela de seu filho Hiromasa Ikeda.

Período de transição e consolidação (1991-2000): Depois da excomunhão pela Nichiren Shôshû, a Sôka Gakkai adotou, no dia 23 de abril de 1991, a denominação oficial de Associação Brasil-Soka Gakkai Internacional (abreviada pela sigla BSGI). Em novembro do mesmo ano, os monges e adeptos ligados ao Templo Kaisenzan Itijoji registraram ata e destituíram a diretoria, composta basicamente por membros da BSGI. No mês seguinte, a diretoria destituída abriu um processo judicial requerendo a reintegração de posse. O processo seguiu até 14 de maio 1998, quando a diretoria original “retomou a administração e os bens do Templo Kaisenzan Itijoji [...] por meio de um Mandado de Execução Provisória de Sentença, expedido pelo juiz da 34a. Vara Cível do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, em que tramitava o processo”²¹.

Posteriormente, o Templo foi renomeado como Sede Social Josho (ou Josho Kaikan). No dia 27 de abril de 2000, o Supremo Tribunal Federal emitiu uma Certidão de Trânsito em Julgado, concluindo oficialmente o processo de reintegração de posse da Sede Social Josho, que já se estendia por nove anos²². Dos 140 mil membros da NSB de então, a maioria optou por alinhar-se com a Sôka Gakkai. Enquanto alguns membros abandonaram a prática, estima-se que haja aproximadamente cinco mil membros fiéis ao clero da Nichiren Shôshû, através da Associação Religiosa Hokkekô do Brasil.²³

Neste período, a ênfase da BSGI não recaiu tanto no crescimento, mas na consolidação do avanço que havia obtido até então. Contras-

²¹ Brasil Seikyo, 23-5-98, p. 4.

²² Cf. *ibid.*, p. 1.

tando com a difusão inicial baseada em grandes e intensas campanhas de conversão, a difusão passou a depender mais do “boca-a-boca” ou do “diálogo vida-a-vida”, no jargão da própria Gakkai. Desde então, há um esforço deliberado em ganhar legitimidade e visibilidade social por meio da ampliação dos laços com várias instituições brasileiras, encontros políticos, convênios, participação em campanhas governamentais, exposições em espaços públicos, entre outros.

Em sua quarta visita ao Brasil, Ikeda discursou na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 11 de fevereiro de 1993 foi empossado como membro-correspondente da Academia Brasileira de Letras, na cadeira do número 14 em 12 de fevereiro, encontrou-se com o então governador de São Paulo, Luís Antônio Fleury Filho em 1º de março, visitou o Museu de Arte de São Paulo, MASP em 3 de março. A partir daí, houve uma série de encontros da alta cúpula da BSGI com alguns dos principais representantes políticos do país, incluindo os presidentes Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, e o convite a pessoas formadoras de opinião pública a participarem de atividades promovidas pela organização, entre elas o âncora de telejornal Boris Casoy e a antropóloga e primeira-dama Ruth Cardoso. Nos últimos dez anos, também, a Universidade Soka vem concedendo o título de Doutor Honoris Causa a diversas personalidades brasileiras, incluindo o Presidente Fernando Henrique Cardoso em 1977. Tamanho empenho resultou numa onda de “reconhecimentos” e homenagens públicas à SGI e a seus líderes. No quadro abaixo, apresento dois aspectos interessantes desse fenômeno: primeiramente, a maioria quase absoluta dessas homenagens aconteceram depois de 1991, sugerindo a existência de uma política ativa e eficiente voltada para esse fim; depois, as maiores homenagens ocorreram nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que, de fato, concentram a maioria dos membros da BSGI.

²³ Essa estimativa foi obtida com o coordenador da Hokkekô em Brasília, Yuji Nagatani, no final de 1998. Entretanto, o relações públicas da BSGI afirma que “existem atualmente cerca de 550 dantos [membros ativos da Hokkekô] espalhados pelo Brasil, com concentração em São Paulo”: 115 na cidade de São Paulo, 210 nas cidades vizinhas de São Paulo, 72 no estado do Rio de Janeiro e 153 no interior de São Paulo e em outros Estados (comunicação via internet, 23-5-01).

Tabela: Homenagens brasileiras à SGI e a seus líderes

	Título de Cidadão Honorário a Ikeda		Título Honorário a Ikeda		Medalhas e condecorações a Ikeda		Logradores e prazas		Moções de aplausos e congratulações, etc		Homenagens diversas		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Antes de 1991 = 05	03	15	00	00	02	9,5	00	00	00	00	00	00	
De 1992 a 1999 = 154	17	85	10	100	19	90,5	13	100	33	100	53	100	
Distribuição por Estado	SP	03	15	02	20	08	11	38	84,6	14	42,4	16	30,1
	RJ	08	40	04	40	07	33,3	00	00	15	45,4	28	52
	PR	05	25	02	20	01	4,7	02	15,4	03	09	05	9,4
	DF	01	25	00	00	00	00	00	00	00	00	02	3,7
	Outros	03	15	02	20	05	23,8	00	00	01	03	02	3,7
TOTAL=150	20	100	10	100	21	100	13	100	33	100	53	100	

Em outubro de 1993, a BSGI passou por uma reestruturação, tendo como maiores unidades administrativas as três coordenadorias da Grande São Paulo, do Rio de Janeiro e das Regiões Estaduais. Eduardo Katsushige Taguchi, então primeiro vice-presidente da organização, assumiu o cargo de presidente da BSGI, no lugar de Roberto Y. Saito, que ascendeu à posição de presidente honorário. No ano seguinte, os novos membros puderam receber cópias do *gohonzon* transcrito pelo 26º sumo prelado Nichikan Shônin (1665-1726). Isto não ocorria desde o cisma com a Nichiren Shôshû, em 1991.

Período de retomada do crescimento (a partir de 2001): Em 2000, a BSGI deu mostras de estar preparando a organização e seus membros para o início de uma nova etapa em 2001. Na verdade, o crescimento nunca havia deixado de ser uma preocupação dos líde-

res da BSGI, porém, no período anterior, os esforços estavam concentrados na disputa com a Nichiren Shôshû e na reação à contra-propaganda dos membros desta seita. Assim, percebe-se, nos últimos anos, uma crescente ênfase na consolidação organizacional e doutrinária, que estaria preparando a BSGI para iniciar uma nova fase de expansão. Aproveitando a simbologia e a expectativa despertada com o início de um novo século e milênio, observa-se todo um trabalho para levantar os ânimos dos membros e impulsionar o crescimento da organização nos próximos anos.

Esta mudança recente enquadra-se, também, no contexto de uma campanha geral da SGI, lançada pela presidente Ikeda como a “segunda fase dos Sete Sinos”. A metáfora dos “sete sinos” teria se originado numa declaração de Jôsei Toda, segundo o qual fatos significativos teriam ocorrido para a Sôka Gakkai a cada período de sete anos: em 1930 fundação com o lançamento do livro *Sôka Kyôiku Taikei*; em 1937 cerimônia de fundação oficial da Sôka Gakkai; em 1944 a morte de Tsunesaburô Makiguchi; em 1951 a posse de Jôsei Toda como segundo presidente da Sôka Gakkai. Pouco depois da morte de Jôsei Toda, em 1958, Ikeda retomou a metáfora e anunciou o projeto dos “Sete Sinos”. O projeto foi proposto como uma visão para os 21 anos seguintes da Sôka Gakkai, divididos em três períodos de sete anos. Em 1980, Ikeda lançou um programa de quatro ciclos de cinco anos de desenvolvimento da organização, encerrado no ano 2000. Como estes ciclos fugiam à idéia de “sete sinos”, a “segunda fase dos Sete Sinos” foi iniciada recentemente, no dia três de maio de 2001, como mais uma etapa pautada por metas concretas de crescimento da SGI.²⁴

O lema do ano 2001, na BSGI, é “Novo Século - Ano da Vitória Total”, como maneira de reforçar a recém-iniciada “segunda fase dos Sete Sinos”. Ao comentar este lema, o presidente Eduardo Taguchi declarou: “Este ano, em especial, vamos canalizar nossos esforços na realização do Chakubuku e divulgação do Budismo. A atividade básica da Soka Gakkai é a promoção do Chakubuku”²⁵. Taguchi lançou, também, a meta de dez mil novas conversões nos próximos

²⁴ Cf. Terceira Civilização n° 390, pp. 45-46.

²⁵ Terceira Civilização, n° 389, p. 16.

anos. Isso expressaria, de fato, um amplo esforço, em várias instâncias, para promover atividades em sintonia com a meta geral da SGI e, em particular, da BSGI.

5 A organização e as atividades dos membros da BSGI

Desde o começo dos anos 60, o proselitismo da Gakkai no Brasil teve uma característica combativa, direcionado simultaneamente a várias frentes: o imigrante, seus descendentes e seus vizinhos não descendentes. O resultado desse esforço multidirecional é que, hoje, 90% de seus 104.358 membros não são descendentes de japoneses.²⁶ Entretanto, assim como acontece em quase todos os outros grupos japoneses, os postos mais altos na direção da BSGI ainda cabem aos japoneses e seus descendentes (*nikkei*), não refletindo sua diversidade interna. As lideranças não-*nikkei* vêm galgando posições administrativas mais altas somente nos últimos anos. Os dois presidentes da BSGI, Roberto Y. Saito e Eduardo K. Taguchi, são japoneses (*issei*) naturalizados, enquanto que, entre os atuais 15 vice-presidentes da organização, apenas quatro não são *nikkei*.

Com relação aos membros, a maioria é composta por pessoas da classe média-baixa urbana. Enquanto os jovens são responsáveis por um terço do contingente total, os membros do sexo feminino chegam a compor de 60 a 65% da organização. A maioria tem baixa escolaridade, não avançando além do primeiro grau. Os membros estão organizados em quatro “Coordenadorias”: do Rio de Janeiro, dos municípios de São Paulo, da cidade de São Paulo e das regiões estaduais. A sede central encontra-se no bairro da Liberdade, local de maior tradição nipônica na capital paulistana e no Brasil. Em outubro de 1998, a BSGI possuía 63 sedes regionais, seis centros culturais e vários centros comunitários²⁷. A estrutura organizacional da Sôka Gakkai é bastante complexa. A menor unidade dessa estrutura,

²⁶ Esses dados oficiais são de junho de 2000. Nos anos 80 e 90, chegou-se a estimar os membros da BSGI entre 200 e 250 mil (Pereira 2001: 281-82), mas os próprios líderes reconhecem que houve exagero em tais projeções. O máximo a que se teria chegado, antes da separação com a Nichiren Shôshû (1991), foi algo entre 140 e 150 mil membros.

²⁷ Cf. Terceira Civilização, no. 362, p.38.

que segue basicamente o modelo das organizações da SGI, é o “bloco”, que reúne aproximadamente entre dez e doze famílias; um grupo de blocos forma uma “comunidade”; algumas comunidades compõem os “distritos”; as unidades seguintes em linha ascendente são: regionais, áreas, áreas gerais, regiões estaduais/regiões metropolitanas, sub-coordenadorias/coordenadorias e sede central (São Paulo).

Em cada nível da organização local, procura-se estabelecer as seguintes “divisões”, baseadas em faixa etária e/ou sexo: Divisão Sênior (DS), Divisão Feminina (DF), Divisão Masculina de Jovens (DMJ), Divisão Feminina de Jovens (DFJ) e Divisão de Estudantes (DE). A DMJ, DFJ e DE formam juntas a Divisão de Jovens (DJ).²⁸ Embora haja atividades conjuntas de todas as divisões, como palestra mensais e reuniões de estudo, cada divisão organiza suas próprias atividades, onde são tratados assuntos condizentes com as diretrizes traçadas anualmente e os interesses particulares de seus membros. Cada divisão possui ainda seus respectivos “grupos horizontais”, com interesses e treinamentos mais específicos, e que, conforme a natureza de sua atuação, podem ser divididos em: grupos culturais como corais, grupos musicais, grupos de dança, de bastidores ou de apoio como Mamorukai, de Ornamentação, de Veículos, Gajokai, Sokahan, e de aprimoramento como Alvorada, Working Women, Young Mrs. e Terceira Idade. Todos visam igualmente ao desenvolvimento e aprimoramento de seus integrantes.

Além das divisões e de grupos, a BSGI conta ainda com a atuação da Coordenadoria Educacional e da Coordenadoria Cultural, esta última formada por oito departamentos: de Juristas, de Saúde, Artístico, de Grupos Horizontais de Arte, de Cientistas, de Profissionais e Executivos, de Comunicação e de Orquestra (que mantém em atividade a Orquestra Filarmônica Brasileira do Humanismo Ikeda). Outros departamentos complementam o trabalho das duas coordenadorias acima: Departamento de Estudo do Budismo, Departamento de Divulgação de Impressos e Departamento de Kofu (encarregado de receber e administrar a contribuição financeira dos membros).

²⁸ Antes de janeiro de 2001, as divisões tinham outra denominação: Divisão de Adultos, Divisão de Senhoras, Divisão de Rapazes, Divisão de Moças e Divisão de Estudantes.

A atividade básica do membro da BSGI é a recitação do *gongyô* (seqüência de orações entremeadas com os Capítulos Hôben e Juryô, respectivamente segundo e décimo-sexto capítulos do Sutra de Lótus). Normalmente, ela é feita diante do oratório (*butsudan*) que contém cópia da *mandala* sagrada (*gohonzon*). O *daimoku* (recitação do título do Sutra de Lótus, *Nam-myôhô-rengekyô*) é recitado durante o *gongyô* e durante as reuniões. Dependendo do grau de envolvimento ou dos objetivos do membro, a recitação individual do *daimoku* pode durar várias horas e atingir a cifra dos milhões.

De acordo com minha observação em Brasília, os membros possuem pelo menos duas reuniões semanais, uma do bloco, às quintas-feiras, e outra da comunidade, às terças-feiras. Eventualmente pode haver outras reuniões específicas de distrito, divisão e/ou departamento. As reuniões de terça-feira são chamadas de *shodaikai*, conhecidas em outras partes do Brasil por *daimoku tôsô*, cujo objetivo é a recitação de *daimoku* visando a um objetivo específico da organização: para a construção de uma sede; para ter o privilégio de receber a visita do presidente Ikeda; pelo sucesso de um festival cultural da BSGI; para ganhar a disputa judicial pela posse do templo de São Paulo, que esteve ocupado pelo clero da Nichiren Shôshû desde 1991; para o desenvolvimento da própria comunidade, etc. As reuniões de quinta-feira, “de estudo” ou *Bukkyôkai*, são dedicadas ao aprendizado do *gongyô* e ao estudo do Budismo Nichiren, para o fortalecimento da base doutrinária dos membros e para sua preparação para os exames escritos de Budismo.

No último final de semana do mês ocorre a “reunião de palestra” (*zadankai*), realizada por comunidade ou distrito, e considerada a mais importante por voltar-se ao principiante e a convidados com expectativas de conversão: no linguajar da Gakkai, é onde ocorre o “diálogo de vida a vida”. Nas reuniões semanais de que participei, os indivíduos faziam, diante do *gohonzon*, a prática religiosa básica do *daimoku* (recitação do *mantra*: *Nam-myôhô-rengekyô*) combinada com a do *gongyô* (recitação de passagens do Sutra de Lótus entremeadas de orações); eventualmente praticavam a pronúncia destas recitações, isto é, a pronúncia japonesa dos ideogramas chineses; dependendo da ocasião, preparavam-se para os exames de conhecimento de Budismo, estudando passagens das escrituras de Nichiren, normalmente a partir de comentários escritos pelo presidente Ikeda, tratavam de ou-

tros assuntos de interesse da organização e ocasionalmente, introduziam membros prospectivos para o grupo.

A organização investe de forma sistemática na formação e na informação de seus membros. Esta orientação está associada não somente à preocupação em doutriná-los, mas também à estratégia de proselitismo (*shakubuku*). “O *Chakubuku* significa despertar uma outra pessoa para o seu erro ou visão da necessidade de religião, e assim capacitá-la a compreender a necessidade de praticar uma verdadeira religião. O seu estudo do Budismo o ajudará no *Chakubuku*, assim como ajudará a aumentar a sua convicção na fé. Sem o estudo, contudo, esquecerá partes importantes dos ensinamentos de [Nitiren] Daishonin, e sua fé muito provavelmente chegará a um impasse quando se defrontar com um problema difícil. O estudo budista é necessário para dialogar a respeito do Budismo com os seus amigos, para abrir uma nova visão ou para alcançar um modo humano de vida”. “Além disso, com a nossa compreensão, embora esteja longe de ser perfeita, podemos convencer os outros sobre a retidão dos ensinamentos de Nitiren Daishonin. Se não tentamos entender, não podemos nos fazer entender pelos outros.”²⁹

De maneira coerente com esta linha de formação e estudo, promovem-se diversos cursos, seminários e palestras internas, como o “Curso de Aprimoramento para Líderes da BSGI” e o “Fórum do Grupo Alvorada”. Os membros também recebem o incentivo necessário para aprofundar o conhecimento doutrinário através dos exames de Budismo, que os permitem ascender a graus pré-estabelecidos de especialistas no Budismo Nichiren.

Além das duas publicações principais, o periódico semanal *Brasil Seikyo* e a revista mensal *Terceira Civilização*, os membros brasileiros ainda têm acesso a uma bem elaborada página na internet, www.bsgi.org.br, ao noticiário quinzenal *BSGI Fax*, ao boletim bimestral *BSGI News* e a uma farta publicação de livros, majoritariamente assinados por Ikeda, lançados pela Editora Brasil Seikyo ou pela Editora Record.

Os membros são frequentemente instruídos no sentido de que a participação na Sôka Gakkai baseia-se em três pilares: fé (nos ensinamentos de Nichiren, especialmente no *gohonzon*), prática (“para si”, que é a recitação do *daimoku* e do *gongyô*; e “para os

²⁹ Ikeda et al. 1998: 141 e 142.

outros”, que é o *shakubuku*) e estudo (das escrituras de Nichiren)³⁰. Em suma, o ideal de membro convicto e participante é o aquele que recita *gongyô* e *daimoku* diariamente, pela manhã e à noite, diante do *butsudan*, oratório individual ou familiar, que contém o *gohonzon*, participa semanalmente das reuniões e atividades de sua comunidade; faz *shakubuku* sempre que pode, assume cargos na organização, faz contribuições financeiras periodicamente (*kofu*), assina e lê os impressos da BSGI, e estuda as escrituras de Nichiren.

As atividades “externas” da BSGI incluem desde a participação de suas bandas musicais em comemorações da Semana da Pátria, em diversas cidades brasileiras, até palestras, seminários, campanhas e exposições de grande porte, como a “Direitos Humanos, Direitos de Todos”, realizada no Salão Negro do Ministério da Justiça em Brasília, em 1996, com a presença do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, de seu Vice, Marco Maciel, e de ministros de Estado.

6 Considerações finais

O fundador do Budismo Nichiren baseou-se na sua própria e na interpretação que Saichô fez do Sūtra de Lótus para classificar e avaliar as escolas budistas, confirmando a profecia sobre a divulgação deste sutra pelo mundo a partir do Japão. “O 14º capítulo do Sūtra de Lótus, ‘Práticas Pacíficas’, afirma: ‘O Sūtra de Lótus será propagado nos Últimos Dias, quando a Lei perecerá.’ O 23º capítulo, ‘Bodhisattva Yakuo’, afirma: ‘Durante o último período de quinhentos anos após a minha morte, propaguem o Sūtra de Lótus por todo o mundo e nunca permitam que seu fluxo cesse’”³¹.

Se o ensino de Shakyamuni propagou-se da Índia até o Japão, passando pela China e pela Coréia, Nichiren previu que seu ensino faria o percurso inverso, do Japão para a Índia e o mundo. Fiel a esta visão profética, a Sôka Gakkai interpreta que as diversas catástrofes mundiais e as de cada povo em particular são uma confirmação de que vivemos os “Últimos Dias da Lei”, e, portanto, a época prevista

³¹ Ibid.: 126.

³⁰ Cf. Ibid.: 68-69.

para a divulgação dos ensinamentos do Lótus. O segundo presidente, Jôsei Toda, manifestou o desejo de construir, no templo Taiseikiji, um grande salão de culto e preleção (*Daikyakuden*) com materiais de todos os países do mundo para simbolizar a meta da propagação mundial (*kôsen rufu*). Apenas cinco meses depois de ter assumido a presidência, em 1960, Ikeda empreendeu uma viagem internacional almejando deslanchar e confirmar a realização da profecia do *kôsen rufu* mundial e, simultaneamente, recolhendo materiais para a construção do *Daikyakuden*.

A difusão sistemática da Gakkai no Brasil, portanto, deve ser entendida, antes de tudo, no contexto desta profecia do *kôsen rufu* mundial e de uma estratégia de propagação estimulada por Ikeda. Como no Brasil foi criado o primeiro “distrito” fora do Japão, seus líderes procuram desenvolver nos adeptos um senso de missão e de dever para com o mestre, Ikeda-*sensei*, em função da BSGI ser especialmente valorizada por aquele no contexto geral da SGI. Em sua mensagem de ano novo, o presidente da Associação Brasil-SGI, Eduardo Taguchi, declarou: “Coroando essa grande vitória da história da BSGI, às vésperas de um novo milênio, o presidente Ikeda nos emociona novamente ao dizer: ‘O nosso Brasil decidiu a vitória Soka do século XX. E digo mais: Que a vitória Soka do século XXI seja coroada a partir da atuação do nosso Brasil.’ [...] Quando me foi permitido liderar a BSGI, em 1993, tracei três pontos como minhas metas. Continua sendo minha determinação construir (1) a BSGI, a organização mais próxima do coração do presidente Ikeda; (2) a BSGI, a organização mais harmoniosa do mundo e (3) a BSGI, a primeira do mundo em felicidade e desenvolvimento.”³²

A Sôka Gakkai possui alguns aspectos comuns a outras religiões japonesas, que têm sido apontados como facilitadores de sua difusão no Brasil: proselitismo mais ativo que o das religiões tradicionais; prática ritual simplificada (na Gakkai, a prática básica é a recitação repetitiva da frase *Nam-myôhō-enge-kyô*); habilidade no uso de meios de comunicação de massa e de técnicas de marketing e propaganda; ênfase na autoconfiança e pensamento positivo; prática da fé como possibilitadora de toda sorte de benefícios materiais e espiritu-

³² Brasil Seikyo, 01/01/00, p. 3.

ais³³; estímulo às reuniões de pequenos grupos, que combinam aconselhamento, troca de experiências, testemunhos de fé, estudo da doutrina, convívio social, estreitamento dos laços de amizade e reforço da sensação de pertencimento; ética ou orientações para o cotidiano, e diversos outros elementos.

Essas religiões também não possuem o maniqueísmo típico do mundo cristão e não abordam as deficiências pessoais em termos de pecado, o que constitui um atrativo a mais, por aliviar o adepto do sentimento de culpa e do medo da punição divina. Diferentemente da divulgação porta-a-porta dos mórmons ou das pregações em praças públicas de certos evangélicos, as novas religiões japonesas contam sobretudo com suas publicações e o contato pessoal. Inicialmente, havia campanhas de conversão na Sôka Gakkai, porém o foco de propagação é preferencialmente o círculo de amizade e da família dos membros. A difusão atual depende mais do “boca-a-boca”.

A Gakkai possui uma feição própria que a distingue em relação a outras religiões japonesas. Seu fundador era diretor de escola primária, que não recebeu uma revelação divina, nem teve a intenção de fundar uma nova seita. Diferentemente das outras religiões, a sucessão na Gakkai não se deu dentro da família do fundador ou dos líderes subseqüentes, como é a forma mais usual nas novas religiões nipônicas. Contrastando com as demais escolas budistas, seus membros acreditam que o Buda histórico seria apenas o predecessor de Nichiren, que é reverenciado como o Buda Original. Após o rompimento com o clero da Nichiren Shôshû, chamada pejorativamente de “seita Nikken”, pelos membros da Gakkai, usando o nome do Sumo Prelado que a excomungou, esta enfatizou ainda mais seu caráter leigo e suas características organizacionais.

Alguns autores afirmam que as especificidades da SGI podem-se tornar entraves a sua difusão no exterior. Susumu Shimazono, por

³³ Murata (1971: 99-111), por exemplo, discute extensivamente a reconstrução da Gakkai no pós-guerra por Jôsei Toda, a partir de uma organização inspirada no universo militar e na “visão materialista” dos benefícios advindos com a fé absoluta na *mandala* de Nichiren. Aqui é preciso esclarecer, no entanto, que a orientação atual da Gakkai não coloca tamanha ênfase na obtenção de benefícios materiais (*genze riyaku*).

exemplo, lembra que, enquanto outras novas religiões japonesas, particularmente a Seichô-no-ie, Igreja Messiânica Mundial e PL, mantêm uma “atitude positiva” frente às religiões tradicionais dominantes, permitindo que seus membros continuem ligados à religião de origem, a Sôka Gakkai requer uma adesão exclusiva, o que pode ocasionar atritos com as religiões tradicionais e com os parentes e vizinhos dos adeptos³⁴. Peter Clarke salienta ainda dois aspectos: a falta, na SGI, do sincretismo típico da maioria das religiões japonesas e a ausência da noção monoteísta de Deus. “A Sôka Gakkai, cujas crenças e práticas são mais firmemente embasadas numa única tradição japonesa de Budismo, pode experimentar dificuldades ainda maiores que a Sekai Kyûsei Kyô [Igreja Messiânica Mundial] em comunicar suas idéias aos brasileiros sem ascendência nipônica. Além disso, a ausência da noção de uma deidade ou ser supremo constitui um obstáculo em uma cultura como a do Brasil, onde a fé em Deus é quase universal mesmo que a prática religiosa possa ser fraca.”³⁵

Apesar desta alegada exclusividade confessional e da ausência da noção monoteísta de Deus, a BSGI vem obtendo sucesso em sua divulgação. Isto se justifica, por um lado, por sua peculiar organização, pela exitosa política de marketing de sua imagem e de obtenção de reconhecimento público, e pelo estabelecimento de relações com várias instituições brasileiras, incluindo universidades, ONGs, a Academia Brasileira de Letras e órgãos governamentais. Por outro lado, com um discurso inquestionavelmente na ordem do dia, a SGI visa atrair, de modo especial, o apoio da mídia, da classe política e do meio intelectual, particularmente de acadêmicos e artistas. Sua estratégia de divulgação, voltada de forma especial para os jovens, vem recebendo uma resposta bastante positiva. Tal sucesso é previsível numa época em que o Estado, a escola e a família, sobretudo no Brasil, vêm oferecendo poucas alternativas e apoio aos jovens, de modo particular aos das camadas mais baixas. “Na SGI não existe um público alvo. Para se tornar membro existem critérios, tais como ser praticante do Budismo Nichiren e estar disposto a dedicar parte do seu tempo ao estudo e às atividades realizadas pela organização,

³⁴ Cf. Shimazono 1993: 292.

³⁵ Clarke 1994: 158.

de forma que qualquer pessoa, independente da classe social, idade ou etnia possa se tornar um membro. Aqui no Brasil, a organização é um reflexo da sociedade. Então, a maioria de nossos membros é de classe média para baixo, com baixa escolaridade, principalmente entre a população do entorno [do Distrito Federal]. É por isso que realizamos muitas atividades culturais e educativas. Os jovens, mais especificamente, têm sido atraídos pela SGI porque eles têm mais tempo para se dedicar à organização e também porque as atividades em prol da educação e da cultura são os dois aspectos mais importantes para quem está despontando para a vida agora.”³⁶

Apesar de seguir uma tradição exclusivista, a Gakkai vem, de modo geral, abrandando sua orientação, na medida em que foram inculcados parâmetros de bom-senso no *shakubuku*; foi redefinida a noção de *kôsen rufu* como ampla disseminação do Budismo Nichiren, ao invés da conversão massiva no âmbito mundial, e foi enfatizado ainda mais o viés humanista, pacifista e ecologista do movimento. Muitos membros brasileiros têm feito, também, uma reinterpretção da doutrina Nichiren. Por exemplo, Jesus Cristo é freqüentemente incorporado ao panteão budista da BSGI como um *bodhisattva*³⁷.

Além disso, seu discurso, que “revitaliza” a tradição budista Nichiren, combina o complexo ensinamento budista com o ritual simples da recitação repetitiva do *daimoku*, acessível a qualquer pessoa, mesmo que ela não entenda a profundidade da doutrina. Entretanto, a Sôka Gakkai não chegou a reproduzir o padrão de abasileiramento e de sincretismo de outros grupos japoneses. Uma das principais razões para tal ocorrência é a diferença básica entre a Gakkai e a maioria das novas religiões (*shinshûkyô*): enquanto estas são majoritariamente sincréticas e buscam um diálogo com as religiões dos brasileiros, aquela provem de uma linha exclusivista transmitida por Nichiren e Nikkô.

³⁶ Membro da BSGI de Brasília, apud Matsue 1998: 56.

³⁷ *Bodhisattva* é tido no Budismo tradicional como um ser espiritualmente avançado que, enquanto humano, buscou a iluminação espiritual não somente para si, mas também para os outros. No Budismo Nichiren, *bodhisattva* é o nono dos Dez Mundos, representando um estado de vida caracterizado pela compaixão e pelo altruísmo.

O abasileiramento das religiões japonesas tem sido notado por alguns autores. Nakamaki, por exemplo, toma o caso da PL ou Instituição Religiosa Perfect Liberty, para descrever o sucesso da “estratégia multinacional” de algumas religiões japonesas que procuraram “brasileianizar-se” nas décadas de 60 e 70, num esforço para ultrapassar os limites da comunidade dos imigrantes nipônicos e seus descendentes³⁸. Na PL houve uma ação deliberada e bem-sucedida de mudar a ênfase da comunidade nipo-brasileira para a sociedade nacional, do idioma japonês para o português, do estilo de ritual nipônico para um “brasileianizado”.

Além desse caso ilustrativo, temos vários outros exemplos de ecletismo, sincretismo ou simples aproximação com o repertório religioso brasileiro. A Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyûseikyô) incorporou a oração cristã “Pai-Nosso” em seus cultos. A líder da Associação Religiosa e de Assistência Social Shôiti Sueiti Inari Daimyôjin é, eventualmente, possuída por Nossa Senhora Aparecida. A Oomoto, ao buscar uma aproximação com o Espiritismo e manter a prática do “passe espiritual”, chegou a ser chamada pelos brasileiros de “Espiritismo japonês”. Algumas religiões japonesas, aproveitando a experiência brasileira, enviaram membros brasileiros, com ou sem ascendência japonesa, para expandir seus ensinamentos em diversas nações, nas Américas do Norte e do Sul, na Europa e na África. A BSGI não chegou a enviar, até o momento, nenhum brasileiro para o proselitismo no exterior. A nível individual, uma pessoa pode morar noutro país e fazer a divulgação no seu círculo de amizade e/ou participar da organização da SGI deste país.

O Brasil, sendo a nação com o maior número de grupos religiosos de origem japonesa, é também o país-chave na estratégia multinacional dos demais países. É, ao mesmo tempo, um símbolo desse processo de “multinacionalização”, parte dessa rede multinacional e importante base de controle das “filiais” religiosas no exterior. A Igreja Messiânica, por exemplo, construiu um “solo sagrado” em Guarapiranga (SP); a PL também construiu a Seiti ou “Terra Sagrada da América do Sul”, em Arujá (SP). Algumas celebrações nesses “solos sagrados” reúnem dezenas de milhares de

³⁸ Cf. Nakamaki 1986.

pessoas, com representantes de vários países, além de diversos políticos brasileiros.

A BSGI, se não tem um papel administrativo ou “missionário” no contexto da SGI, constitui o centro da difusão na América do Sul. Em 1964, foi fundada a Sede da América do Sul em São Paulo. Seu Centro Cultural Campestre, situado em Itapevi, São Paulo, não deixa de ter conotações de “solo sagrado”. Em sua mensagem enviada aos milhares de participantes da “Grande Convenção Cultural dos Jovens da BSGI” em outubro de 1999, que contou com representantes de onze países da América Latina, Ikeda declarou: “O aspecto promissor e valente de vocês, prontos para se lançarem ao novo milênio com forte paixão e convicção, surge neste momento de forma muito viva diante de meus olhos. Daqui, das terras do Japão, envio, do fundo do meu coração, uma forte salva de palmas, tão intensa que haverá de chegar ao Centro Cultural Campestre da BSGI. O meu sentimento é o de estar cantando junto com vocês, de estar dançando com vocês e de fazer ecoar bem alto o grito da vitória com vocês. [...] Por favor, criem boas lembranças e amizades dialogando com os amigos do infinito passado, e apreciem este maior e melhor Centro Cultural Campestre do mundo, que é também o castelo de vocês e a ‘Terra Iluminada da América do Sul’.”³⁹

O modelo da estrutura organizacional da BSGI é basicamente o que foi originado no Japão. Ou seja, tanto no Brasil quanto no Japão e em outras partes do mundo, a estrutura das divisões é semelhante, além de alguns grupos horizontais e dos departamentos. Também não existe diferença significativa na prática religiosa, sendo a reunião *zadankai* a atividade regular básica. A única linha mestra anual adotada em todas as organizações filiadas à SGI é a denominação dada a cada ano como uma diretriz genérica, como por exemplo: 1960, “Ano do Avanço”; 1980, “Ano da Comunidade”; 2000, “Ano dos Jovens - Descortinar do Século XXI”. As orientações gerais da BSGI são oferecidas pela própria sede brasileira em São Paulo, porém há um certo grau de autonomia para que cada grupo local consiga expressar-se, por exemplo, através dos eventos culturais.

³⁹ Brasil Seikyo, 23/10/1999, p. 1. Ênfase minha, RAP.

Note-se que, desde sua introdução no país, a Sôka Gakkai nunca pertenceu à Federação das Seitas Budistas no Brasil (Burajiru Bukkyô Rengôkai ou, em forma abreviada, Butsuren). Fundada em 1958, a Butsuren conta apenas com seis grupos budistas japoneses, entre os vários existentes aqui: Nishi Honganji, Higashi Honganji, Jôdoshû, Sôtô Zenshû, Shingon e Nichirenschû. A seita Honmon-buturyû-shû participou por um curto período, retirando-se depois da Federação. Há vários motivos para esta não participação da Gakkai.

Primeiramente, a BSGI estava associada, até 1991, à Nichiren Shôshû, uma seita fundamentalista no contexto da tradição budista, que sempre criticou o caráter conciliador de outras seitas do Budismo Nichiren, como a Nichirenschû. O próprio Nichiren, em sua devoção exclusiva ao Sutra de Lótus, fora crítico ferrenho particularmente de três escolas: Terra Pura (no caso da Butsuren, representada pela Nishi Honganji, Higashi Honganji e Jôdoshû), Zen e Ritsu. Ou seja, há razões suficientes para alimentar indisposição, animosidade e preconceito recíprocos entre os membros da Butsuren e a Gakkai.

Em segundo lugar, há diferenças doutrinárias básicas entre as duas partes, a começar pela compreensão do Buda, como já foi mencionado na introdução deste artigo. Enquanto os membros da Federação focam Shakyamuni e/ou o Buda Amida, a BSGI venera Nichiren como o “Buda Original”.

Em terceiro lugar, contrastando com os demais ramos budistas, a BSGI é um movimento neo-budista de ativo proselitismo e sutil, mas sólido, marketing, que já se encontra presente em todas as regiões brasileiras. Independentemente da posição do observador, não há como não reconhecer que a Sôka Gakkai, ao menos no formato, é altamente sofisticada, complexa e eficiente, dirigida por um habilidoso e carismático líder.

Por último, o tipo de inserção de cada grupo na realidade brasileira está sujeito a suas orientações peculiares e a variantes históricas. O Budismo japonês tradicional, representado, neste contexto, pelos membros da Butsuren, ficou basicamente restrito à comunidade nipo-brasileira e, nos casos em que houve abertura, acabou se voltando para grupos específicos de pessoas, com destaque para intelectuais, estudantes e profissionais liberais. Em outros termos, embora não tenham necessariamente este propósito, tais escolas budistas não

conseguiram atingir as camadas mais populares. Por sua vez, a Sôka Gakkai propõe-se como um movimento de massa. Mesmo sendo ainda um grupo virtualmente de classe média, surpreende-nos, por exemplo, constatar que, no Distrito Federal, ela cresce sobretudo nas “cidades-satélites”, como Ceilândia, Taguatinga e Samambaia.

Para terminar, ressalto ainda que a SGI é um caso interessante para discutir-se a relação entre sociedade e religião: seria a religião uma esfera separada da sociedade ou um sistema que serve à mesma? Na Gakkai não se vê conflito algum entre essas duas esferas da vida; ao contrário, mantendo a tradição do Budismo Mahayāna, estimula-se a participação ativa de seus membros em todos os aspectos da vida social. Como se diz freqüentemente nessa organização budista: “O Budismo é a própria sociedade”. Por um lado, ela prioriza a “criação de valores”, isto é, a formação de seus membros como pessoas responsáveis, capazes de contribuir para a sociedade e para a difusão da visão de mundo proposta pelo Budismo Nichiren, enfim, a “revolução humana”, termo cunhado por Jôsei Toda e divulgado por Ikeda. Por outro lado, ela organiza uma ampla gama de atividades, que lhe garante legitimidade social e lhe abre uma série de canais de comunicação com a sociedade. Tais atividades vêm-se concentrando nas esferas da educação, da cultura, do pacifismo e da ecologia.

A Universidade Soka (japonesa), por exemplo, mantém no Brasil um Centro de Pesquisas Ecológicas no Estado de São Paulo e um Centro de Preservação Ecológica, perto de Manaus (Amazônia). Suas exposições itinerantes percorrem grandes centros internacionais, atraindo uma multidão de visitantes: Eis o nome de algumas delas: “Guerra e Paz”, “Armas Nucleares: Ameaça ao Nosso Mundo”, “A Coragem de Relembrar: Anne Frank e o Holocausto”. Uma organização complexa como esta acaba tornando-se uma “instituição total”, por demonstrar uma capacidade incrível de absorver a pessoa integralmente. Não há meio termo: o indivíduo é compelido a romper com suas origens religiosas e a dedicar-se às atividades da organização. Não basta apenas o fervor de sua fé: recomenda-se, de forma veemente, que o membro assuma cargos de responsabilidade e contribua com suas habilidades pessoais e profissionais, isto é, fazendo trabalho voluntário como de organizador de eventos, faxineiro, professor, músico ou fotógrafo, por exemplo.

Ao fiel ensina-se que cada pessoa é responsável por seu destino. E uma das maneiras de se melhorar o próprio destino e adquirir uma vida mais feliz é divulgando o Budismo de Nichiren. O *shakubuku* é tanto um modo eficaz de reverter o mau *carma* e uma expressão da fé quanto um ato de benevolência em relação ao membro potencial, por estar despertando-o para a “religião suprema”, aquela que resolverá seus problemas espirituais e materiais. Essa complexa teia organizacional garante o engajamento do adepto e o mantém perseverante na fé. Dessa forma, a SGI brasileira vem colhendo bons resultados em implementar o objetivo último da organização, que é o *kôsen rufu* ou a difusão dos ensinamentos nichirenianos pelo mundo.

Bibliografia

- Clarke, Peter B., 1994, Japanese ‘Old’, ‘New’ and ‘New, New’ Religious Movements in Brazil, in: Clarke, Peter & Jeffrey Somers (eds.), *Japanese New Religions in the West*. Richmond/Surrey, Japan Library/Curzon Press, pp. 149-161
- Earhart, H. Byron, 1982, *Japanese Religion: Unity and Diversity*. 3rd ed., Belmont (Calif.), Wadsworth Publishing
- Ikeda, Daisaku (pseudônimo Hogoku), 1994, *Nova Revolução Humana*, São Paulo, Brasil Seikyo, vol. I
- Ikeda, Daisaku *et alii*, 1998, *Guia Prático do Budismo. Questões básicas sobre a prática da fé*. São Paulo, Brasil Seikyo
- Ingram, Paul O., 1977, Nichiren’s three secrets, in: *NUMEN* 24, no. 3, pp. 207-222
- Matsue, Regina Yoshie, 1998, *O Paraíso de Amida: Três Escolas Budistas em Brasília*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília
- Murata, Kiyooki, 1971, *Japan’s New Buddhism - An Objective Account of Soka Gakkai*, 2^a edição (1^a ed., 1969). “Foreword” de Daisaku Ikeda. Nova York/Tôquio, Weatherhill
- Pereira, Ronan Alves, 1998, *Associação Brasil Sôka Gakkai Internacional (BSGI): sua organização e difusão no Brasil*. Comunicação apresentada nas “VIII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina”, Centro Universitário Maria Antônia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 22 a 25/9/1998, 12p.
- Pereira, Ronan Alves, 2001, *O Budismo Leigo da Sôka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial*. Tese de doutorado em ciências sociais. Campinas (SP), Universidade Estadual de Campinas
- Shimazono, Susumu, 1993, The Expansion of Japan’s New Religions into Foreign Cultures, in: Mullins, Mark R. *et alii* (eds.), *Religion & Society in Modern Japan*, Berkeley (CA), Asian Humanities Press, pp. 273-300

Impressos:

Jornal *BRASIL SEIKYO*: no. 1.461, 23/5/98; no. 1.528, 23/10/99; 01/01/00, edição especial; no. 1.554, 06/5/00

O Budismo no Brasil

Revista *TERCEIRA CIVILIZAÇÃO*: no. 86, out/1975; no. 326 out/1995; no. 362, out/1998; no. 379, mar/2000; no. 385, set/2000; no. 389, jan/2001; no. 390, fev/2001

Consultas na Internet

<http://www.bsgi.org.br>
<http://www.sokagakkai.or.jp>